

# Memórias das leituras escolares

No tempo em que a propaganda política dominava os programas escolares, os meninos enfasiavam-se com a divisão das estrofes de *Os Lusíadas* em orações. O brilho da poesia às vezes perdia-se sob o terror do «chumbo». *Eurico, o Presbítero* parecia insuportavelmente solene (quem amaria uma noiva de nome Hermengarda?) e as *Viagens na Minha Terra* uma entediante relação de tesouros históricos. Em tempo de Verão, o **JL** perguntou a alguns criadores que memórias guardam desses trabalhos de casa. Do que lhes ficou para o resto da vida ou o que, muito pelo contrário, lhes deixou uma má recordação. Eis as respostas, às vezes surpreendentes, de Alice Vieira, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, Inês Pedrosa, Joaquim Romero de Magalhães, Jorge Martins e Mário de Carvalho.

Respostas — nostálgicas umas, bem-humoradas outras — que são, à sua maneira informal, um pequeno contributo para a história da educação em Portugal

## INQUÉRITO

**1 — Dos livros escolares e de leitura recomendada ou obrigatória, quais foram os de que mais gostou e (quando não coincidentes) os que o marcaram mais?**

**2 — Ao contrário, quais destes mesmos livros lhe «ofereceram» leitura mais penosa?**



**ANA MARIA MAGALHÃES**  
53 anos, professora e escritora

1 — No meu tempo da escola primária não havia leituras obrigatórias. Eu frequentei o Colégio do Sagrado Coração de Maria, onde nos incentivavam à leitura, mas a escolha dos livros, com essa idade, competia às famílias. Na minha, toda a gente lia muito. Com estes incentivos ler tornou-se uma actividade espontânea. No Liceu, de uma maneira geral, antecipei-me. Quando as professoras recomendavam os livros, eu já conhecia os autores das minhas leituras anteriores. Mas tive duas novidades absolutas: Alexandre Herculano, que foi um autor com o qual fiquei deslumbrada, e *Os Lusíadas* de Camões, obra considerada hoje difícil de ser estudada, mas que na altura era mais fácil porque tínhamos um conhecimento mais aprofundado da História de Portugal e da Mitologia. Não implicava o esforço que implica agora. Adorei interpretar *Os Lusíadas* e dividir as orações, que achava divertidíssimo. Já lia o Camilo Castelo Branco desde os 10 ou 11 anos e, por isso, era já um velho amigo. Com o Eça passou-se o mesmo. Obrigatórios eram *A Corja*, *A Brasileira de Prazins*, do Camilo, o *Frei Luís de Sousa*, e *O Arco de Santana*, do Garrett - todos estes eu adorei. Do Eça, *As Cidades e as Serras*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*, que a família não me tinha incentivado a ler, devido aos seus temas quentes. Para mim, *Os Maias* tiveram um grande significado porque foram uma porta ou uma espécie de carta de alforria para a idade adulta. Este foi, talvez, o livro que li mais vezes na minha vida. Tive um percurso feliz e realizado nas minhas leituras.

De um modo geral, gostei dos manuais porque eram bem estruturados e claros. Sempre tive uma óptima memória e aprendia com facilidade o que vinha nos manuais. Tenho um grande afecto pelo meu manual de História e tinha imenso prazer a lê-lo e a aprender tudo o que lá vinha.

2 — Tive de ler textos do padre António Vieira na terceira ou quarta classe. Com essa idade, era natural que não os compreendesse e que não visse a beleza que, agora, reconheço que têm. Era demasiado nova para os apreciar e, por isso, ficava extrema-

mente frustrada quando a professora dizia que o texto era maravilhoso e eu não podia dizer que os não entendia. Não gostei nada das *Viagens na Minha Terra*. Achei uma maçada horrível, apesar de ser grande apreciadora do Almeida Garrett.



**ISABEL ALÇADA**  
49 anos, professora e escritora

— Andei no Liceu Francês e tinha uma professora do ensino primário que era escritora de literatura para crianças, a Alice Gomes. Desde muito cedo ela incentivava-nos a ler histórias próprias para a nossa idade. Além disso havia uma biblioteca, onde íamos todas as semanas e escolhíamos livros para ler. Só depois me apercebi que isto não era costume acontecer nas outras escolas e colégios. Um dos primeiros livros que gostei imenso de ler, para além das histórias de fadas, que desde muito cedo comecei a ler, foi *Os Desastres de Sofia*, da Condessa de Segur, depois *As Férias* e *As Meninas Exemplares*. Tive uma professora, curiosamente de canto coral, que levava, para as aulas, biografias de músicos, de que também gostei muito. Tive uma professora de Português que nos lia extractos da *Odisseia* e que nos recomendou ler a vida da Madame Curie, tinha eu 10 anos, e adorei. Tive outra professora de português que nos fez ler



o *Auto da Barca do Inferno* que, naquela altura, não era lido na escola, e foi assim que passei a gostar de Gil Vicente. Obrigatório era o *Auto da Alma*, de que não gostei muito. Tudo o que podia constituir um obstáculo à compreensão destes textos, era ultrapassado graças à capacidade da professora de perceber quais as dúvidas e problemas que podiam surgir aos alunos. Vibrei com o *Frei Luís de Sousa*. Em relação ao Eça, comecei a lê-lo bastante cedo. Já ao lia em casa, antes de o ler na escola, tendo eu chegado ao cúmulo de ler *O Primo Basílio*, na sala e com os meus pais ao meu lado, envergonhadíssima porque não me sentia à vontade para falar sobre o assunto. Tive de o ler no quarto. Em casa, e ao contrário das pessoas da minha idade, não havia leituras proibidas. Desde que percebessemos, era para a nossa idade. Na escola, quando cheguei ao que hoje se chama o 10º ano, tinha já uma boa bagagem e apetência que me permitia entrar em todas as obras que me eram propostas. Choquei a minha professora quando confessei que gostava das *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de António José da Silva, o Judeu.

Em relação aos livros escolares, eram livros que não me causaram prazer nem infelicidade. Lia-os e aprendia. Se aprendia, era essa aprendizagem que me dava prazer, e não os livros em si. Eram bem feitos, para os objectivos que se pretendiam atingir, susceptíveis de serem estudados por uma pessoa, não só por serem adequados à idade da criança, mas porque eram claros.

2 — Não gostei de ler as *Viagens na Minha Terra*. Sinceramente, acho que a professora também não e, por isso, não nos transmitiu muito o gosto pelo livro.



**ALICE VIEIRA**  
55 anos, escritora

1 — Como aconteceu a muitas crianças das famílias burguesas de há cinquenta anos, fiz a escola primária em casa. E para me fazer ultrapassar o cinquentismo dos manuais (toda a gente da minha geração se lembrará dos mesmos textos — «olhem, lá vai o Gonçalo, a caminho da escola, além/vamos depressa apanhá-lo/ vamos com ele também» — e das mesmas ilustrações, com as mães sempre de chinelas, xaile e carrapito, e os pais de enxada às costas, o que a mim, nada e criada nas Avenidas Novas, fazia uma certa confusão) a D. Judite sempre me encheu de livros, livros que evidentemente não se liam nas escolas, mas que me marcaram profundamente: os livros infantis do Erico Veríssimo, os livros da Virgínia de Castro e Almeida, *O Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, *o Iratan e Iracema*, *Os Meninos Mais Malcriados do Mundo*, de Olavo d'Eça Leal (senhores editores: para quando uma reedição deste livro fabuloso e há tantos anos esgotado?), *A Ilha do Tesouro* e *O Rapto*, de Stevenson. Penso que a minha paixão pela literatura nasceu aí.

Depois entrei para o liceu Filipa de Lencastre — e nesse tempo não havia essas modernices de livros aconselhados: era tudo



obrigatório, pois então. E não há obra-prima que resista à leitura obrigatória. «Ler é um verbo que não suporta imperativo», lá diz o Pénac... Portanto, das leituras escolares desse tempo, não guardo boas recordações. Mas das leituras caseiras desse tempo, claro que guardo ótimas recordações, e talvez o livro que tenha mais marcado a minha adolescência tenha sido *A Cidade das Flores*, do Augusto Abelaira.

2 — O que me marcou negativamente, em muito criança, foram exactamente os textos dos manuais, as meninas tão boazinhas, e um Jorge que por lá havia, modelo para todos nós «que só falava quando lhe dirigiam a palavra» (lembro-me perfeitamente dessa frase, que me afligia muito).

No liceu não houve assim livro nenhum que me marcasse negativamente. Eram obrigatórios e pronto. Alguém poderá sair do liceu a gostar do *Auto da Alma* ou dos *Lusiadas*, com aquelas orações com sujeitos que nunca mais acabavam? Aspectos negativos: o dia em que me apanharam com um livro do Urbano Tavares Rodrigues e fui chamada à Reitoria por causa disso; e outro dia em que estava na biblioteca do liceu e uma professora me passou uma descompostura por eu estar a ler um romance...



**INÊS PEDROSA**  
37 anos, escritora

1 — Não me lembro muito bem dos meus manuais porque mudavam todos os anos e não chegava a afeiçoar-me a nenhum deles. De livros obrigatórios, o autor que mais me marcou foi Camões, com *Os Lusíadas*, primeiro, e a sua lírica, depois. Gostava muito de dividir as orações dos *Lusiadas* — acho que era uma ótima forma de perceber a construção das frases, de entrar no ritmo e na musicalidade dos versos. Respeito muito os métodos antigos de ensino, a forma como se trabalhavam os textos, nomeadamente na obra deste autor. Hoje, começa-se logo com noções teóricas e abstractas dos textos, de metalinguagem e linguística, que tira completamente o gosto pela leitura.

2 — Grande parte das obras que li no liceu não me diziam nada porque não iam ao encontro dos meus gostos na época ou dos meus anseios. Penso que isso ainda hoje acontece com os alunos. Li autores espantosos, mas eram obrigatórias obras pouco adequadas aos jovens naquelas idades. Por exemplo, li o *Eurico o Presbítero* e não me disse absolutamente nada. Tem um estilo tão solene que o achava completamente ridículo. Descobri a escrita de Virgílio Ferreira com a *Manhã Submersa*, de que gostei bastante, mas achei que o tema era demasiado desadequado aos meus interesses e, presumo, aos interesses dos jovens daquela época. Penso que poderia ser obrigatório o *Para Sempre*, cuja temática é mais adequada. Resumindo, são excelentes os autores que se escolhem, mas as obras não são as mais adequadas. Dos mesmos autores, existem livros com temáticas muito mais interessantes e que seriam uma maior ajuda para que melhor se entre na história e se crie o gosto pelos autores e, consequentemente, pela literatura portuguesa. *Os Maias* também pouco me disseram, ainda por mais tropeçava na longa descrição da genea-



logia da família. Há outros textos do Eça de mais fácil acesso. Da Agustina, a mesma coisa. Li *A Sibila*, mas *As Fúrias* ou *Prazer e Glória* são mais adequados. São, no entanto, autores de que hoje gosto muitíssimo. Mário de Carvalho ou Manuel da Fonseca deveriam ser dados porque o seu estilo adequa-se a critérios de acção e contemporaneidade



**MÁRIO DE CARVALHO**  
54 anos, escritor

1 — Eu gostava, e ainda gosto, dos meus «livros de leitura», chamados, mais tarde, «selectas literárias». Eram de apresentação escura, bisonha, austeridade que competia à guarda e respeitosa exibição de tesouros literários únicos. Capa dura, azul escura ou cinzenta, a defender retaliações, umas vinhetas espalhadas lá pelo meio para amenizar a solenidade e textos curtos com vocabulário especioso para nosso proveito e governo. A maior parte dos textos era sobremaneira edificante. A minha geração ficou eficazmente edificada. Abro agora um deles e procuro um poema de António Feliciano de Castilho, *O Amor Transido*, que propiciou, certa tarde, um severo e interminável bombardeamento gramati-

cal. Noto com vergonha que continuo a interpretar aquele «transido», como «transido de frio», como fazia na altura. E ao fim destes 45 anos ainda não sei o significado do vocábulo «tavão». «Recurva-o e dispara/ no meu coração./ A flecha que o vara/ parece um tavão». Como é que eu consegui sobreviver àquela «chamada» feroz e a mais estes anos todos sem saber o que era um «tavão»? Bendito o JL que me faz ir ao dicionário e proclamar que «tavão» é um «insecto díptero que suga o sangue dos bois, cavalos, etc.» Neste «etc» devem estar entendidos também os bois-cavalos, ou pacaças. Aquela flecha do Cupido parecia-se, pois, com um «tavão». Francamente, e sem querer desfazer em Castilho, acho que a imagem seria mais expressiva e amplificadora se um tavão fizesse lembrar uma seta.

Acho que fiquei a gostar de poesia, à mesma.

2 — Não havia, propriamente, manuais de leitura obrigatória. Tinha é que conhecer algumas obras. Gostei pouco da poesia barroca, dita cultista ou conceptista, e fiquei cheio de irritação perante poemas como o de Jerónimo Baía (creio) *A Um Lampadário de Cristal*. «Alpe luzido, luminar nevado», etc... Aqui há anos houve uma tentativa para reabilitar este tipo de poesia. Uns universitários generosos dedicaram-se a isso. Mas sempre me deu a impressão de que ali tínhamos passado os limites a partir dos quais já não há poesia: há matéria para tertúlias edípicas. Aqueles pobre versos são da ordem da charada, próprios para almanaques, como as pala-

